

O QUE É O MUNDO? UM ESTUDO SEMÂNTICO

Por **Adriana Nuvens de Alencar**, tradução do original francês de **Badir, S.**
Qu'est-ce que le monde? Étude sémantique in **ASEL**, ano 46, vol. 27, nº2 (2022)

1. Introdução

Na teoria literária, não é incomum explicar a ficção pelo seu poder de criar “mundos” (PAVEL, 1986; RYAN, 1991; DOLEŽEL, 2010). Esses mundos são considerados mimeticamente relacionados com o mundo real, o que parece ser suficiente para justificar sua designação. Somam-se a isso as noções de “mundo imaginário” (BESSON, 2015), “mundo paralelo” (LIROY, 2006; LEPELTIER, 2010) e especialmente “mundo possível” (LAVOCAT, 2010). Esta última noção foi emprestada da filosofia.

No entanto, ao contrário do modo de presença do mundo real, a literatura é composta apenas de palavras, palavras às quais, raramente, imputamos uma relação mimética com o mundo ou com a realidade. Esse mimetismo pode ser encontrado, é verdade, em outras formas artísticas, tipicamente aquelas que produzem imagens, animadas ou não (desenho, quadrinhos, cinema, foto-romance, etc.), para as quais contamos com uma percepção visual (e auditiva, no caso do cinema) comum aos mundos real e ficcional. Mas a garantia dessa relação é pequena, na verdade, porque o mundo real se apresenta com dificuldade ou raramente aos nossos olhos. O simples teste de uma pesquisa no Google é suficiente para demonstrar isso: preponderantemente, as imagens que o mecanismo de busca oferece para a palavra de entrada “mundo” são de três grandes tipos: mapas gráficos da superfície da Terra, vistas do planeta Terra, desde o espaço e das sínteses desses dois primeiros tipos, ao saber dos globos terrestres. Sem bancar o idiota, achamos que essas imagens não são relevantes, pelo menos não necessariamente, para informar a relação a ser colocada entre mundos ficcionais e o mundo real. Quando a pesquisa é baseada na palavra de entrada “mundo real”, a variedade de imagens oferecidas pelo mecanismo de busca certamente se torna muito mais ampla. Mas a razão para isso é simplesmente que as imagens apresentam tanto a realidade como o mundo.

Ora a expressão “mundo real” é empregada, verdadeiramente, porque se admite a possibilidade que esteja relacionada a outros tipos de mundo, ou seja, que a determinação por “real” torna a noção de mundo disponível para outros usos. São esses usos, precisamente, que prejudicam a pesquisa sobre o Google, uma vez que, por padrão, como sabemos, a pesquisa sobre palavra “mundo” refere-se, perfeitamente, a um tipo único de mundo, ou seja, “ao mundo” simplesmente ou “mundo real”. De fato, a existência de diferenças entre os mundos fictícios e o real não está, de forma alguma, em questão — são essas diferenças que os teóricos da literatura discutem interminavelmente. Mas as similitudes, cuja hipótese é muito necessária para aproximar os dois tipos de mundo e, de forma mais geral, justificar o uso múltiplo que é feito da palavra “mundo”, supõem algo em comum, mesmo que esse denominador comum não seja visto ou compreendido. Sem querer insistir sobre isso, mencionarei um ensaio de Nelson Goodman, *Ways of Worldmaking* (1978), traduzido para o francês sob o título *Manière de faire*

des mondes (1992). Esta obra foi decisiva na recepção que os teóricos da literatura tiveram da teoria dos mundos possíveis, posta em evidência nos anos 50 pelos trabalhos de um lógico, Saul Kripke, a partir de uma ideia filosófica de Leibniz e que, depois, teve continuidade na lógica modal¹. O filósofo americano busca aplicar os conceitos da lógica proposicional às “linguagens” da arte, considerando em particular, no primeiro capítulo desta obra, o meio de aplicar a noção de mundo às obras artísticas..As perguntas que ele faz nesta ocasião são robustas; vamos nos deter em algumas: “Em que sentido justo, existem vários mundos? [...] Do que eles são feitos? Como eles são feitos? (GOODMAN, [1992] 2006, p. 16)². Mas as respostas fornecidas não nos parecem muito sólida.As cinco principais “formas de fazer mundos” listadas (composição e decomposição, ponderação, arranjo, supressão e suplementação, deformação) emergem, diríamos, a partir de um pensamento topológico e se aplicariam a qualquer conjunto, qualquer entidade quantificável e matemática..Elas indicam várias *maneiras de fazer*, uma vez que existem pelo menos cinco, possivelmente compatíveis com a ficção (lembramos que a *ficção* vem do *fictio* que significa, em particular, “ação de compor, de organizar”). Mas qualquer que seja o *mundo* que tenha sido feito através dessas formas não entra realmente em questão. Este aqui é julgado antes de ser apresentado: contanto que você tenha, à sua disposição, formas de fazer conjuntos, você teria o direito, ao que parece, de considerar esses conjuntos como mundo. Esta é, de fato, a intenção de Goodman, uma vez que ele apresenta, sem dificuldade, variações de Brahm's, um quadro não figurativo de Mondrian e um conjunto matemático composto apenas de pontos para exemplos de mundo (GOODMAN, [1992] 2006, pp. 35, 39 & 25 resp.).

Esta introdução nos conduz a levantar dois problemas. O primeiro, no que diz respeito a Goodman e aos teóricos da literatura que acorrentaram suas reflexões às dele, é que a noção do mundo, da forma como é usada por eles, é muito abstrata e geral, muito “poderosa” (como se diz das teorias da epistemologia da ciência), para compreender, adequadamente, o impacto do mundo, com as interpretações que seu uso implica, tanto em obras literárias quanto em filmes e quadrinhos.O segundo, o mais sério, é que a noção filosófica do mundo distorce o significado comum que se conhece desta palavra. Concordo aqui com a atitude desafiadora adotada por John Austin (1962) em relação à abordagem filosófica, apontando para a tentação, muitas vezes arriscada, de distorcer o uso de palavras comuns em função de questões que essas palavras não estão aptas a formular. Poder-se-ia duvidar de que um mundo jamais esteja para fazer; o uso comum só contempla que alguns queiram refazê-lo — e isso é outra coisa totalmente diferente, como vamos nos esforçar para mostrar.

Essas suspeitas não serão precisamente “verificadas” nas páginas seguintes. No entanto, encontraremos algo que as fortaleça, ao mesmo tempo em que direcionamos para outros pontos de interesse o uso que a noção de mundo pode ter para a teoria literária.

2. O mundo dos dicionários

Neste artigo, propomos realizar um estudo semântico da noção de mundo na língua, neste caso na língua francesa. O estudo parte do princípio de que os chamados dicionários de “língua” produzem os usos mais representativos da noção do mundo na língua comum. Em outras palavras, as definições dicionarizadas ligadas à palavra mundo, com o repertório das diferentes locuções

1. Para uma breve apresentação desta tradição lógica e sua recepção na teoria literária, consultar LAVOCAT (2009).

2. “In just what sense are there many worlds? [...] What are worlds made of? How are they made?” (GOODMAN, 1978, p. 1).

em que essa palavra é tomada, oferecem, no mínimo, uma variedade de sentidos possíveis que presumimos, exceto em casos de homonímia, que se articulam em torno de uma base comum. Esse núcleo de sentido não precisa ter atividade constante em todos os usos da palavra, mas é necessário, pelo menos, que seja capaz de detectar certa “insistência” semântica em torno da qual, esses usos gravitam, articulam-se uns aos outros e especificam o uso da palavra *mundo* em relação a outras palavras de sentido próximo, como as palavras *universo* e *civilização*.

Se tomarmos, por exemplo, o *Dicionário da Língua Francesa de Émile Littré*, vemos que a noção de mundo ali conhece uma extensa polissemia. Nada menos que vinte e oito significados estão listados na entrada desta palavra (LITTRÉ, 1874, pp. 602-606). O dicionário dificilmente mostra qualquer organização desses significados. Não se saberia determinar se eles são hierarquizados em sentidos principais e secundários, nem como o fariam, segundo quais ligações semânticas de derivação, mesmo que, aqui e ali, Littré dê uma indicação (“em um determinado sentido”, “hiperbolicamente”, “por exagero”...) para interpretar esse elo.

Um estudo semântico deve conter os meios para estabelecer essas ligações e, além disso, de hierarquizar os sentidos. A Semântica Interpretativa de François Rastier prevê essas necessidades teóricas, especificando a forma como as ferramentas conceituais disponibilizadas intervêm no quadro de uma distinção estabelecida entre três formas do sentido linguístico: o sentido propriamente dito, a aceção e o uso (RASTIER, 1987, pp. 65-70). Este estudo fará uso desse recurso. Segue também os passos de uma análise semântica que Greimas fez da noção de “cabeça” (GREIMAS, 1966, pp. 43-50), precisamente a partir do artigo do dicionário de Littré sobre esta: Depois de dividir as definições em dois inventários e estabelecer, para cada um deles, as relações semânticas entre as definições, Greimas desenha a “figura nuclear” da noção, identificando, primeiramente, por meio de uma decomposição semântica, um núcleo de significado: “extremidade” para as definições do primeiro inventário, “esfericidade” para os do segundo. Reformulando, em uma segunda etapa de análise, esses núcleos semânticos, de forma a dar conta do conjunto de todas as definições da palavra, o semanticista obtém a composição dos semas “extremidade + superatividade”:

A leitura um pouco mais cuidadosa das ocorrências do segundo inventário mostra que todos os contextos citados comportam, mais ou menos implicitamente, o núcleo sêmico já descrito [para o primeiro inventário]: de fato, nas classes (β) e (γ), a palavra *cabeça*, sem dúvida, significa “parte do corpo”; mas, para ser capaz de fazê-lo, é necessário, primeiramente, que a cabeça seja concebida como uma “extremidade superativa”, que *cabeça* tenha *pés* que respondam. (GREIMAS, 1966, p. 48)

Por fim, coloco este estudo na escuta dos principais dicionários da língua francesa que surgiram no século XX porque, desde o Littré, os lexicógrafos têm demonstrado uma preocupação crescente com a organização dos verbetes

O *Larousse du XXe siècle* propõe, para o verbete que ele dedica a “mundo”, oito sub-entradas generalizadas, a que são adicionados oito significados especializados (antiguidade romana, brasão de armas, geografia, horticultura, marítimo, mineração, filosofia e técnica), quatro categorias de complementos (locuções diversas, alusões literárias, provérbios e sinônimos) e um aviso relativo à

iconografia associada à palavra (AUGÉ dir., 1931, p. 936-937). Os vinte e oito sentidos do Littré se encontram ali, pouco a pouco, mas agora estão divididos em categorias propriamente hierárquizadas. O “Grand Robert” oferece um verbete mais claramente arquitetado: as grandes seções dividem o artigo em três conjuntos de definições, nos quais, são reagrupados de quatro a seis acepções e locuções (ROBERT, 1974, pp. 470-473), o *Trésor de la langue française* (1985, para o volume 11, onde aparece o verbete relativo a *monde*), dicionário consultado na versão disponível online (TLFi), oferece, também, a estruturação mais avançada da noção, ao mesmo tempo que a maior variedade semântica desde Littré. Foi do artigo deste dicionário que parti. Sua análise será realizada em quatro tarefas consecutivas:

1. esclarecer os critérios de estruturação;
2. explicar os efeitos semânticos dessa estruturação;
3. apresentar uma hipótese relativa aos traços semânticos recorrentes, “núcleo sêmico” (segundo Greimas) ou “semas específicos” (segundo Rastier), da noção;
4. verificar essa hipótese, aplicando-a a locuções verbais, ou seja, aos empregos das noções que tendem a entrar no léxico comum.

A análise será, globalmente, conduzida, seguindo o método contido na Semântica Interpretativa, embora, igualmente, tomará emprestado, durante a primeira etapa, o conceito de sinédoque apresentado pelo Grupo μ (1970) para a conveniência da exposição.

2. *Estruturação dos sentidos da noção de mundo no TLFi*

Embora tenha sido um trabalho de estruturação evidente, os editores do TLFi não são tão explícitos quanto se gostaria sobre o modo como este trabalho foi feito, particularmente, a arquitetura de cinco ou mesmo de seis níveis hierárquicos não dá lugar a qualquer explicação. Não apenas as definições podem aparecer em qualquer um desses níveis (sem que qualquer item de um determinado nível receba uma definição), como também um mesmo tipo de ligação semântica (exemplos de ligação: *por metonímia, por metáfora*) pode aparecer entre definições pertencentes ao mesmo nível hierárquico e entre definições de diferentes níveis.

No prefácio que deu ao dicionário, Paulo Imbs reconhece, aliás, que os esforços de estruturação não puderam chegar a uma estrutura idêntica, imediatamente legível através da arquitetura hierárquica, para cada entrada. A principal causa disso é a variedade de critérios a serem levados em conta na “análise distribucional”, ou seja, a análise da polissemia de uma palavra, em função de usos diferentes: distribuição dos significados por domínios temáticos ou situacionais, por categorias do discurso, turnos sintáticos, condições semânticas, traços estilísticos e traços retóricos, entre outros. A “análise componential” em semas é, segundo Imbs, necessariamente posterior à análise distribucional (IMBS, 1971, p. XXXV). Aqui, novamente, a ordem dos diferentes significados que salienta não é regulada segundo um procedimento sistemático das operações realizadas (remoção ou adição de semas), mas varia de acordo com as palavras consideradas:

Alterações de significado dentro de um campo de significação se traduzem pelas adições ou exclusões (ou ambas) de semas. Quando *demulher* “ser humano do sexo feminino” passamos para a *mulher* “esposa”, adicionamos, ao sentido 1, o sema “unida a um homem pelo casamento” (ou a variante: “que pode ser unida a um homem, pelo casamento”); quando da *menina* “criança do sexo feminino” passamos para a *menina* “prostituta”, também adicionamos um valor (pejorativo) aos semas anteriores. Pelo contrário, quando de *homem* “ser humano do sexo masculino” passamos para o *homem* “ser humano”, removemos o sema “do sexo masculino”. A adição de semas, portanto, na maioria das vezes, equivale a um conteúdo sêmico mais concreto, a subtração de um sema leva ao contrário a um conteúdo abstrato (IMBS, 1971, p. XXXV).

Daí resulta, notadamente, que a distinção entre *sentido*, *acepção* e *emprego*, embora apareça neste prefácio, nunca é claramente explicada; nem parece mais se aplicar, de forma sistemática, no dicionário, na distinção dos diferentes níveis de estrutura de uma entrada. Na terceira coluna da tabela abaixo constam todas as definições da entrada “mundo” do TLFi, sem seus exemplos ou as locuções verbais relacionadas. A segunda coluna exhibe a numeração estrutural da entrada (dando a cada definição seu lugar na hierarquia), com a menção eventual de uma ligação distribucional, enquanto a primeira propõe um número de ordem simples. A última coluna mostra uma análise componencial. Para esta análise, explicamos qual das operações (adição particular ou remoção generalizada de semas) é realizada, especificando entre parênteses qual definição é tomada como ponto de partida para esta operação e ainda caracterizando o quadro de referência, soma ou produto lógico, segundo o qual esta operação ocorre. Conforme proposto pelo Grupo μ , a matriz de base dessas operações leva a quatro tipos de sinédoques: particularizante π (do todo à parte), generalizante π (da parte ao todo), particularizante Σ (do gênero à espécie), generalizante Σ (da espécie ao gênero. Essa matriz possibilita reunir, em um único modelo teórico, a análise componencial das definições com a chamada análise distribucional “semântica” dos usos. Ainda de acordo com o Grupo μ , a metonímia é caracterizada por uma operação de supressão-adição no modo π (diferentemente, portanto, de seu uso no TLFi), a metáfora, pelo mesmo tipo de operação dupla, mas no modo Σ (GROUPE μ , 1970, p. 108).

1	I.A.1.	Conjunto constituído de seres e coisas criadas; o universo, o cosmos.	
2	I.A.1.. <i>Em parte.</i>	Conjunto de tudo o que existe na Terra, percebido pelo homem e, na maioria das vezes, em oposição a ele.	Sin. p. Σ (1)
3	I.A.1.a)	Conjunto constituído pela terra e pelos astros, concebido como um sistema	Sin. p. π (1)
4	I.A.1. a) e p. <i>meton</i> ³	.sistema planetário da Terra.	Sin. p. π (3)

3. Admite-se a presença de duas definições distintas quando a sentença inclui um inciso que indica uma distribuição de acordo com um tra retórico (aqui, p[or] meton[ímia]).

5	I.A.1.b) <i>P. ext.</i>	Qualquer astro ou corpo celeste considerado como um universo próprio.	Sin. g. $\Sigma(4)$
6	I.A.2. <i>P. exager.</i>	Conjunto complexo e importante considerado por exagero como uma redução do universo.	Sin. g. $\pi(1)$ Sin. p. $\Sigma(15)$
7	I.B.1.	A Terra	Sin. p. $\pi(1)$
8	.I.B.1. <i>e p. meton.</i>	... a superfície da terra onde os homens vivem.	Sin. p. $\pi(7)$
9	.I.B.2. <i>P. meton.</i>	Parte do globo.	Sin. p. $\pi(7)$
10	I.B.3.	A terra considerada como a residência do homem	Sin. p. $\Sigma(7)$
11	I.B.3. <i>e p. meton.</i>	a vida	Sin. p. $\Sigma(10)$
12	I.C. FILOSOFIA 1.	Conjunto de coisas ou conceitos de uma mesma ordem, considerados em sua totalidade e constituindo um aspecto do universo.	Syn. p. $\Sigma(10)$
13	I.C. FILOSOFIA 2.	Conjunto de coisas, conceitos ou seres formando um universo particular, uma sociedade à parte.	Sin. p. $\Sigma(10)$
14	II. P. méton. A.1.	A comunidade, a sociedade dos homens que vivem na terra.	Meton. (10)
15	II. P. méton. A.2.	A sociedade dos homens tal como se apresenta em um dado momento em um determinado ambiente geográfico e socioeconômico.	Sin. p. $\pi(14)$
16	II. P. meton. B.	A vida dos homens em sociedade na terra.	Sin. p. $\Sigma(11)$
17	II. <i>P. meton. B. 1. RELIGIÃO a)</i>	A vida dos homens aqui na Terra.	Sin. p. $\Sigma(16)$
18	.II. <i>P. meton. B. 1. RELIGIÃO a) P. meton.</i>	Conjunto das atividades profanas, que constituem a vida secular em oposição à vida monástica.	(Sin. p. $\Sigma(17)$)
19	II. <i>P. meton. B. 1. RELIGIÃO b)</i>	A vida após a morte.	Sin. p. $\Sigma(16)$
20	II. <i>P. meton. B. 2. Absol.</i>	Alta sociedade, a sociedade das pessoas que amam luxo e entretenimento.	Sin. p. π ou $\Sigma(15)$
21	II. <i>P. meton. B. 3</i>	Pessoas, indivíduos.	Sin. p. $\pi(14)$

22	II. P. méton. C.	Classe, um grupo social que constitui uma comunidade à parte.	Sin. p. π (14)
23	II. P. meton. C. Em partic. A)	Ambiente social ao qual pertencemos.	Sin. p. π (14)

Tabela 1: Arquitetura das definições de mundo no TLFi

Em resumo, a ordem seguida pelo dicionário opera, regularmente, pela adição de semas *específicos*, seja na forma do todo para a parte (especialmente na seção I) seja na forma do aspecto geral ao aspecto particular (especialmente na seção II. Entre as duas grandes seções, a ligação é metonímica, mas este elo se relaciona, mais particularmente, com o subgrupo I.B. (relativo à terra). Fazendo dessa relação metonímica o eixo central da estruturação da noção, deve-se considerar que as definições agrupadas em I.A. (relativas ao universo) fazem uma generalização π de I.B, enquanto as definições agrupadas em I.C. (relativas aos conjuntos), fazem uma generalização Σ em relação à I.A.

Para determinar a natureza das relações entre grupos de definições, referimo-nos primeiro à distinção que Rastier faz entre **sentido e aceção**: *sentidos* diferem por, pelo menos, um sema inerente, das *aceções* que diferem por um sema aferido por convenção social (RASTIER, 1987, p. 69). Um índice de demarcação entre semas inerentes e semas aferidos por convenção social na análise é que um sema inerente pode facilmente opor-se a outro sema inerente dentro de uma categoria mínima (o taxema), o que não é o caso de um sema aferido por convenção social. Podemos então produzir análises das definições por semas (genéricos, bem como específicos, denotados *sg* e *sp*) inerentes, observando quando esses semas diferem de uma definição para outra. Constatamos que entre I.B. e II.A., a relação é de dois sentidos, porque eles têm distintos semas genéricos inerentes:

I.B. (def. 8): A superfície (= se1) da terra (= sg1) onde os homens vivem (= sep2). II.A. (def. 14): A comunidade (= sg2), a sociedade (= sg2) dos homens que vivem na terra (= sep2).

Em I.B., a Terra se opõe ao espaço infinito; em II.A., a comunidade e a sociedade se opõem ao ambiente espacial, ou mesmo à natureza.

De acordo com o mesmo tipo de análise, entre as principais definições da Seção I, as relações ora são de sentido, ora de aceção:

I.B. (def. 8): A superfície (= sp1) da terra (= sg1) onde os humanos vivem (= sp2).

I.A. (def. 1): Conjunto (= sg2) composto por seres e coisas criados (= sp3); o universo (= sg3), o cosmos (= sg3)

I.C. (def. 12): Conjunto (= sg2) de coisas ou conceitos da mesma ordem (= sep3), considerados em sua totalidade (= sep4) e que constituem um aspecto (= se5) do universo (sg3).

Em I.B., a Terra se opõe à noção de “outro planeta” ou a do espaço, enquanto em I.A. e I.C., o universo se opõe ao nada; a relação estabelecida entre esses dois grupos de definição são, portanto, de *sentidos* diferentes. Por outro lado, I.C. conserva todos os semas de I.A.; sua distinção, portanto, estabelece apenas *aceções* diferentes. Em resumo, *mundo* tem três sentidos

principais, I.A., I.B. e II., com uma multiplicidade de aceções e usos, entre os quais a aceção filosófica I.C. derivada do sentido I.A.

Aproveitemos esta etapa da análise para justificar as ligações indicadas em dois casos específicos, ou seja, as definições 6 e 21. Para a definição 21, a ligação se faz com a definição 14, cujo sema genérico é apenas implícito pelo uso do artigo definido plural (*os/as*):

II.A. (def. 14): A comunidade (= sg1), a sociedade (= sg1) dos homens que vivem na terra (= sp1).

II.B.3. (def. 21): As (= sg1) pessoas (= sp1), os (= sg1) indivíduos (= sp1).

A sinédoque particularisante, portanto, não é alcançada pela adição de um sema específico, mas pela deslexicalização do sema genérico.

A definição 6 é seguida por três exemplos: *Paris é um mundo (Ac.)*, *um navio é um mundo [...]* (Audiberti), *Contabilidade é um mundo* (Beauvoir), O indicador “por exagero” que precede a definição é bastante raro; ele aparentemente aponta para uma relação onde a parte (Paris, um navio, a contabilidade) é válida para todo (o mundo), que pretende conservar por “redução” todos os aspectos, ou seja, uma sinédoque generalizada π A relação seria semelhante à relação entre I.B. (o universo) e I.A. (a Terra), embora considerada em sentido inverso e de acordo com uma distinção comumente aceita entre sentido próprio e figurado. No entanto, parece-me que o último exemplo (o da contabilidade) não se deixa facilmente analisar como parte de um todo; parecendo, antes, um caso particular (assim, como uma sinédoque particularisante Σ) da aceção do mundo como sociedade humana “em um determinado meio geográfico e socioeconômico” (def. 15). A diferença seria então de usos, segundo um indicador sintático, uma vez que a análise em semas inerentes mostra que, nos exemplos da definição 15, o sema genérico é lexicalizado antes do sema específico (epíteto), enquanto nos exemplos de definição 6, é colocado depois, como atributo categorial.

Ex. da def. 6: Paris (= sp1) é um mundo (= sg1); a contabilidade (= sp2), é um mundo (= sg1)

Ex. de def. 15: O mundo (= sg1) antigo (= sp3); o mundo (= sg1) civilizado (= sp4); o mundo (sg1) corrupto (sp5).

3. Efeitos de sentido ligados à estruturação

O último caso de análise mostra, claramente, que a estruturação da polissemia de uma entrada produz efeitos de sentido: os usos da noção de mundo são interpretados em função de sua diferenciação com uma definição primeira, que podemos, ocasionalmente, achar questionável que tenha servido para essa interpretação.

No entanto, os efeitos de sentido mais interessantes a destacar não são aqueles que podem ser submetidos, pontualmente, a uma crítica pela análise. Dois efeitos de sentido geral merecem ser enfatizados: por um lado, uma descrição do mundo conduzida no espírito da filosofia natural; por outro lado, uma preponderância um tanto velada dos usos absolutos da noção.

A intuição, confirmada pela pesquisa do Google por imagens associadas ao mundo, leva à suposição de que o sentido I.B. é mais largamente difundido do que o sentido de I.A. O que pode ter levado o lexicógrafo a dar, no entanto, primazia a este último? A atestação histórica não

fornece a razão: os três principais sentidos da noção de mundo são contemporâneos, aparecendo na primeira metade do século XII e permanecendo em uso até hoje. Vimos, aliás, pela admissão de Paul Imbs, que a análise componential não produz no *TLFi* uma ordem determinada com antecedência para qualquer entrada. Seria esse fato motivado por considerações externas à lexicografia? Na verdade, essa ordem é coerente com a forma como os filósofos da Antiguidade organizaram seus grandes tratados: do geral ao particular, do cosmos à sociedade, da física à ética. Nesse sentido, o “*Grande Robert*” é o mais eloquente, pois não hesita em fazer suceder a uma primeira definição, desprovida de exemplos, diretamente outra que expõe uma aceção técnica, neste caso *astronômica*, que é seguida ainda por outro aceção especializada, a *filosófica*, antes que o lexicógrafo decida relatar os usos “[Na ling. corrente]”. No entanto, o mundo não é originalmente uma noção técnica que se tornaria em seguida banalizada. A ordem dada às definições, com os principais sentidos que elas apresentam parece, se não arbitrária, pelo menos, denotar um preconceito, onde as determinações linguísticas dão lugar a considerações enciclopedistas.

Em relação ao segundo efeito de sentido que deve ser levado em conta, é útil questionar sua presença, à frente da definição 20, do marcador *Absol [utamente]*. Normalmente, este marcador deve se referir a um determinado uso gramatical. Ora, se essa fosse a significação a lhe ser conferida, ele poderia ser colocado na frente da maioria das definições de *mundo*. A presença de um artigo definido, nessas definições como nos usos produzidos em exemplos, é suficiente para se convencer: é de fato o sintagma “*o mundo*” que está em uso, tal como se aplica, indiferentemente, para *o universo, o cosmos, a terra, a vida, a comunidade dos homens, a sociedade, as pessoas, os indivíduos*. O emprego absoluto impõe-se, a cada vez, como o mais natural. É mencionado na definição 20 unicamente porque o “*mundo bonito*” deve, necessariamente, ser concebido, para o lexicógrafo, como parte de um conjunto maior e que estaria, apenas, de acordo com um emprego particular que é designado da mesma forma que este conjunto; em outras palavras, a menção “*Absol*” não visa tanto aqui a um emprego gramatical particular, mas a um determinado uso semântico, o de uma sinédoque particularizante π . O que não impede que esta relação de sinédoque particularizante seja aplicável a muitos empregos da noção. De fato, os três principais sentidos da noção de mundo ativam esse emprego absoluto; eles se dão como absolutos, *apesar* de sua própria pluralidade, e da polissemia que implica essa noção.

Sentimos aqui, no lexicógrafo do *TLFi*, uma espécie de reticência. A definição¹ deixa primeiro entender um objeto categorizável, um “conjunto” entre outros conjuntos possíveis; mas os sintagmas colocados na sequência (“*o universo, o cosmos*”) desmentem essa possibilidade categorial: o mundo é de fato um “singleton”, ou seja, uma classe composta por um único elemento. O paradoxo é, então, reconhecer que essa classe nocional *varia*, pelos usos da palavra, de acordo com o próprio sentido que pode ser atribuído a ela.

A estruturação orienta a leitura do artigo para uma concepção geral da noção de mundo. Compatível com sua aceção filosófica, ela dá a uma classe de objetos hierarquizados, do maior ao menor, do mais geral ao mais particular, à própria classe, tendo entre as definições um lugar reservado à parte (aceção I.C.). Essa hierarquia também é dada segundo uma relação de imbricação, ou seja, como uma soma de objetos, daí a menção recorrente *por metonímia*, como se o único emprego literal de *mundo* fosse aquele definido em I.A.

No entanto, a análise componential revelou que o sentido produzido em I.B. é o verdadeiro ponto de articulação a partir do qual se podem fundamentar as diferenciações semânticas da noção. Essa diferenciação, longe de mostrar um conjunto de mundos possíveis, enumera uma série de

mundos “*impossíveis*” cada um dos sentidos da noção, mesmo várias de suas aceções, que visam a um emprego absoluto do monopólio da palavra. De acordo com a teoria dos mundos possíveis, deveríamos poder adicionar *terrestre* ou *humano* sempre que os sentidos I.B e II fossem reivindicados. O *Tableau synoptique de l’histoire du monde pendant les cinquante derniers siècles* de Louis-Henri Fournet (Paris, Sides, 1986) e *Les restaurants dans le monde et à travers les âges* de Alain Huetz de Lempis (Paris, Glénat, 1990), que eu tomo, quase aleatoriamente, como exemplos desses sentidos, evidenciam o caráter inadequado de tal inferência; pois não há outra história do mundo a considerar fora da terra, nem restaurantes em outros lugares além do mundo humano... a não ser em obras de ficção — voltaremos a isso nas conclusões.

4. Núcleo sêmico da noção de mundo

De acordo com a concepção aristotélica, qualquer definição deve ter pelo menos um sema genérico (o gênero) e pelo menos um sema específico (a diferença específica). Este é realmente o caso das definições de *mundo* em *TLFi*. Se coletarmos seus semas específicos, poderemos determinar um núcleo sêmico para a noção de mundo? A hipótese é plausível, embora a análise não possa ser automática. Os sememas que expressam a diferença específica em cada definição precisariam ser submetidos a uma análise componencial. Por exemplo, a partir dos sememas especificadores *vida* e *homem*, seria conveniente propor as análises “organização + animado” e “ser + animado + racional” para identificar um sema específico comum às definições 10 e 11.

No entanto, seria difícil, por este meio, identificar um núcleo sêmico compatível com *todos* os sentidos e aceções de *mundo*. A causa disso está no elo metonímico que articula I.A. com II. Não saberíamos, em todo caso, calcar a análise dentro daquela realizada por Greimas, pois a ligação entre os dois inventários de *cabeça* é metafórica. Ora as operações semânticas que explicam a metáfora supõem um denominador comum entre duas zonas de sentido; é esse denominador comum que constitui o núcleo sêmico próprio da noção de cabeça em todos os seus usos. Por outro lado, quando dependem de um elo metonímico, as duas zonas de sentido úteis na interpretação de usos diferenciados não têm uma intersecção, mas precisam ser incluídas em um todo maior. Ou seja, de acordo com as representações gráficas propostas pelo grupo μ (1970, p. 118), dois conjuntos em intersecção para a metáfora, dois conjuntos coinclusos em um terceiro para a metonímia.

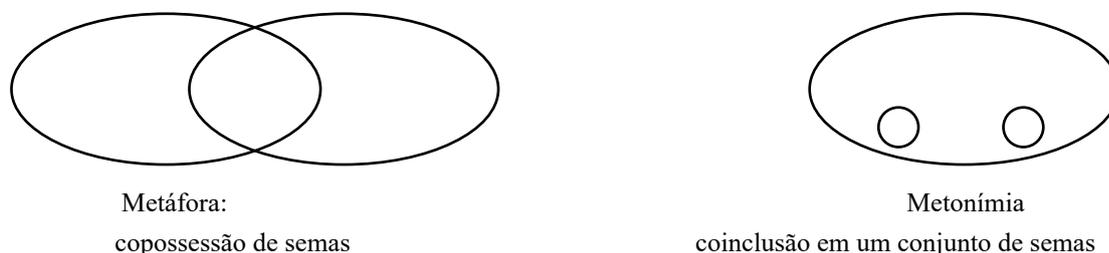


Figura 1: Análise componencial para a metáfora e a metonímia

No caso em questão, no do elo metonímico, no entanto, é possível identificar semas específicos que garantam a *passagem* de uma das zonas inclusas na outra. Para usar um exemplo clássico: em *Pegue seu Grevisse*, um elo metonímico é estabelecido entre o gramático Maurice Grevisse (1895-1980) e um exemplar do famoso manual do qual este gramático é o autor; a

passagem entre as duas zonas de sentido torna-se plausível pela “autorialidade”: qualidade potencial de um gramático, propriedade atribuível por referência aos livros, aí compreendida quando são considerados como objetos materiais, Mas se esse sema é específico, não o é certamente na língua; pode ser ativado em ambas as zonas por aferências socialmente normatizadas. Quais são os semas de passagem que permitem o estabelecimento de um elo metonímico entre os sentidos das duas principais seções do artigo do *TLFi* sobre o mundo?. Minha hipótese é a de que os semas “situacionalidade” e “apropriabilidade” são semas específicos por normas socialmente estabelecidas comuns a quase todos os sentidos da noção do mundo — digo *quase* porque o significado filosófico (I.C.) é uma exceção. Os parágrafos seguintes tentam justificar essa hipótese.

A primeira seção destaca os sememas (“universo”, “cosmos”, “terra”, “sistema planetário”, “astro”, “corpo celeste”, “globo terrestre”) que marcam a espacialidade entre seus semas genéricos, mas tais sememas, muitas vezes, ocupam uma função locativa em relação a outro semema (“seres e coisas”, “o homem”, “os homens”). A espacialidade oferece assim uma *ambientação* em relação a outro semema. Na segunda seção, a ênfase dada ao caráter social e comunitário oferece, por semelhança com a vida do homem e dos homens, um ambiente que não implica localização, mas tem uma função de determinação atributiva para o homem, sua situação em relação aos seus semelhantes e suas atividades. Em todos esses casos, a noção de mundo situa as coisas e essas “coisas”, na maioria das vezes, inclusive na seção I, referem-se ao ser humano, no todo ou em parte.

O emprego absoluto, regularmente em uso, para a noção de mundo também indica, no que diz respeito ao homem, ou a qualquer ser, que essas funções tendem à reciprocidade dos lugares: se o homem está situado pelo mundo, o mundo está situado pelo homem (como um lugar de sua estadia, tanto como, de seu vínculo social), ou mesmo, o homem é o atributo do mundo (não há outro mundo que não seja aquele que o homem caracteriza) como o mundo é o atributo do homem. Este copertencimento é geralmente marcado pelo emprego do artigo definido, mas pode ser exacerbado pelo uso de um demonstrativo (*este mundo*) ou de um possessivo (*seu mundo*, para designar a família ou o pessoal de casa. O mundo é, ao mesmo tempo, apropriado (adequado) e objeto de apropriação (de posse). Coloquemos, então, que a “apropriabilidade” é o que torna possível especificar sua função localizadora ou atributiva.

5. Análise das locuções verbais

As locuções verbais, muito numerosas nos verbetes de dicionário dedicados à palavra *mundo*, constituem um bom observatório para a verificação de uma hipótese relativa aos semas específicos socialmente estabelecidos. Como o sentido unitário que lhe é conferido pode neutralizar os semas inerentes à noção, é ainda mais interessante constatar a presença dos semas do núcleo sêmico para explicar a escolha da palavra *mundo* em vez de outra próxima.

Para que eu não seja acusado de deixar de lado casos embaraçosos, proponho uma análise exaustiva, embora sucinta, das locuções verbais do artigo do *TLFi*, tomando-as na ordem em que aparecem. Vou, simplesmente, me permitir reagrupar algumas locuções, quando o lexicógrafo as colocou sob a dependência do mesmo significado.

I.A.1. *Se considerar como o centro do mundo; se tomar pelo umbigo do mundo; conquistar mundos*, trata-se, nessas expressões, de monopolizar uma situação geral, de tornar indevidamente próprio um ambiente comum.

I.A.2. *É um mundo!* O *TLFi* tem esse comentário: “é exagerado, inacreditável”. Assim como se poderia parafrasear por *isso é inapropriado*⁴. A expressão é obviamente antifrástica, porque o mundo é normalmente bem organizado.

I.A.2. *Há um mundo entre algo e algo, alguém e alguém.* A “enorme distância” evocada pelo comentário do *TLFi* permite ler uma paráfrase ainda metafórica. (por cada um) ou apropriada (para cada coisa) opõe dois elementos colocados em comparação.

I.B.1. *Campeão mundial, campeonato mundial, recorde mundial* Remetem a uma atividade socializada em um ambiente globalizado (ou seja, cuja globalidade foi admitida como sua). Emcomparação com expressões objetivantes: *o melhor tempo absoluto, o melhor desempenho absoluto; do mundo* reporta uma sanção intersubjetiva, social.

I.B.1. *No fim do mundo.* Designa um lugar destinado a ser habitado.

I.B.1. *Desde que o mundo é mundo.* Comparar com *desde a origem*; introduz, no aspecto temporal, um julgamento intersubjetivo, uma medida adequada.

I.B.1. *O mundo é pequeno.* O ambiente social em que alguém está situado não coincide com seu ambiente espacial.

I.B.2. O antigo mundo; o velho mundo; o novo mundo: respectivamente, ambiente que não é mais apropriado, de que nos apropriamos, de que devemos nos apropriar.

I.B.3(a) *Trazer ao mundo.* Trazer supõe uma ação situada.

I.B.3.a) *Não ser mais deste mundo.* Além da acepção religiosa, *este mundo*, provavelmente, será interpretado como o mundo que conhecemos, de que nos apropriamos.

I.B.3.a) *Vir ao mundo.* Só pode ter como sujeito um ser humano (ao contrário de *vir à tona*). Como em *vir (chegar) a sua hora*, *vir (chegar) a seu tempo*, o verbo *vir* tem um sentido de auto- apresentação

I.B.3(a) *Estar sozinho no mundo; nada no mundo; ninguém no mundo; por nada no mundo.* Sugere uma comparação, portanto, um julgamento intersubjetivo, embora apareça como um grau superlativo, absoluto.

I.B,3.b) *[A garota mais bonita, o melhor homem] do mundo. Ter todas as dores do mundo.* Mesma interpretação do caso anterior. Comparar com *o melhor produto do mercado; o melhor professor da faculdade; ter todas as dificuldades* (objetivando julgamentos absolutos).

II.A.1. *Diante do mundo.* Parafraseando o *TLFi*: “Abertamente”. Digamos mais explicitamente: publicamente, sendo a sociedade a situação adequada para o ato ou estado em questão.

II.A.1. *É necessário de tudo para fazer um mundo.* Comentário bastante questionável do *TLFi*: “É necessário que todas as coisas existam”, *De tudo* tem um significado distributivo: tal tipo de ser, de coisa, e seu oposto. A expressão relaciona a vontade de apropriação a uma ética ou lógica.

II.A.1. *Assim vai o mundo* . Julgamento sobre a adequação (eventualmente de maneira antifrástica).

4. E, sem dúvida, seria melhor se contentar com isso porque, embora o sentido I.A.2.possa ser interpretado “pelo exagero” no sentido da I.A.1., não tem como consequência que o mundo possa significar o resultado de um ato de exagero.

II.A.1. *É o mundo ao contrário*. Julgamento que traduz inadequação. O sintagma *Mondes à l'envers* (*Mundos de cabeça para baixo*) que Rastier deu como título a uma de suas obras recentes (RASTIER, 2018) apresenta um conflito semântico, pois a pluralidade dos mundos é incompatível com o apelo a uma única norma envolvida na locução à qual ele alude. Mais precisamente, *mundo*, nesta locução, tem como sema específico a singularidade, que contradiz o gramema do plural, enquanto *de cabeça para baixo* tem por sema específico a dualidade em uma unidade.

II.A.2. *O Terceiro Mundo*. *Terceiro* refere-se a uma inapropriação, ao que é deixado a meio mastro, não está situado. Cf. a declaração do introdutor desta expressão, o demógrafo Alfred Sauvy: “[...] que esquece, muitas vezes, que há um terceiro, o mais importante. [...] Este Terceiro Mundo ignorado, explorado, desprezado...”

II.A.2. *O quarto mundo*. Como na expressão anterior, o sentido é antifrástico. Inventada pelo padre Joseph Wresinski em 1969, designa “camada mais desfavorecida da população, não dispendo dos mesmos direitos que os outros” (Wikipedia, artigo “quarto mundo”; acessado em 15 de outubro de 2021). A expressão faz alusão aos “*cadernos da quarta ordem*, aqueles dos jornaleiros pobres, dos enfermos, dos indigentes, escritos na época dos Estados Gerais da França de 1789” (*ibid.*), ou seja, a uma população excluída do terceiro estado (a burguesia) como ela era, escusado será dizer, dos dois primeiros estados (a nobreza e o clero).

II.B.1.a) *O príncipe deste mundo*. *A perfeição não é deste mundo*. A acepção religiosa de fato prevê dois mundos (aqui na Terra e no *outro mundo*), mas o dêitico é suficiente para mostrar a diferença de status entre eles. Ce. Não é, portanto, estritamente falando, uma pluralidade de mundos que é assim concebida. Junta-se, então, ao caso do *mundo de cabeça para baixo*. (Cf. também em inglês, a expressão “this side of” que o tradutor francês de F.S. Fitzgerald traduziu, apropriadamente, como “o outro lado do [paraíso]”).

II.B.1.b) *Despachar para o outro mundo*. Secularização, potencialmente depreciativa, do significado religioso. O “outro mundo” não é apropriado para atos de assassinato. Mais uma vez, uma expressão antifrástica, irônica.

II.B.2. *Meio mundo*. Antifrástico (ver *terceiro mundo*, *quarto mundo*).

II.B.2 *Homem, mulher, pessoas do mundo; conhecer o seu mundo; entrar no mundo*. Denota uma situação social a que se deve pertencer ou de que é conveniente apropriar-se.

II.B.3. *Um mundo, um mundo de gente* (equivalente, segundo o *TLFi*, a “um grande número de pessoas” (*havia muita gente*)); *um mundo* + determinante preposicionado; um mundo como complemento de verbo *ter um mundo de gente*; *todo mundo*. Implica uma situação.

II.B.3. *Sr. Todo mundo*. Enfatiza a adequação de uma pessoa ao seu ambiente social.

II.B.3. *Zombar; lixar-se para o mundo; enganar o mundo*. Implica simultaneamente uma situação e a sua apropriação (a manipulação como uma forma aguda de apropriação).

II.B.3. *Há um mundo (de gente) na varanda*. A expressão é interessante para analisar porque é a única a integrar a noção de mundo em uma metáfora. Ela relaciona três campos semânticos: casa, terra e mulher, os dois últimos estão sendo ativados por normas socialmente estabelecidas: As ligações metafóricas entre as duas isotopias aferentes podem ser parafraseadas da seguinte forma: os seios permanecem no corpo da mulher como os homens na superfície da

terra. O partitivo *du monde*, que indica um grande número, é jocoso por causa da situação em um ambiente fechado e relativamente exíguo.

II.C. Ser do mesmo mundo. Os semas específicos “situacionalidade” e “apropriabilidade” tornam-se aqui inerentes. Essa ascensão merece ser assinalada, uma vez que a acepção II.C., além das duas acepções especializadas (filosófica e religiosa), é a única a fazer uso da noção de *mundo*, implicando a existência de mais de um mundo. As duas acepções especializadas permanecem, assim, totalmente separadas dos outros sentidos da noção.

A revisão das locuções verbais foi, assim, capaz de confirmar a plausibilidade da hipótese de um núcleo sêmico da noção composta dos semas “situacionalidade” e “apropriabilidade”, de tal forma que esses semas possibilitam tornar compatíveis, sem esmagar um ao outro, um sentido “ambiental” e um sentido “social” do mundo.

6. Conclusão

A polissemia da noção de mundo apresenta um paradoxo: o uso comum faz que cada acepção exclua a possibilidade de outros e, pelo contrário, dê-se como único. Pode-se apresentar esse paradoxo de acordo com a distinção fregeana de sentido e referência. Os substantivos comuns, geralmente, têm um sentido e um conjunto de referências que constituem a classe; por exemplo, a palavra *planeta* tem um sentido e um conjunto de referências (Terra, Vênus, Marte...) que permitem identificá-lo enquanto classe. No caso de *mundo*, o conjunto dos possíveis referentes (o universo, a terra, a sociedade dos homens) não dão, com verossimilhança, a noção de mundo para sua classe. Os nomes próprios, por sua vez, têm um único referente, mas vários sentidos: Vênus refere-se a um único objeto, mas pode significar tanto a estrela da noite quanto a estrela da manhã. Nessa perspectiva, pode-se considerar que *mundo* funciona como um substantivo próprio (embora seja um substantivo comum), enquanto esses sentidos seriam designados por nomes próprios (a Terra, o Universo).

Para evocar um último elemento de comparação: alguns nomes próprios, especialmente os prenomes, têm vários referentes (KLEIBER 2016). Por essa mesma razão, a maioria dos lógicos se recusa a tomá-los como tais, preferindo considerar essas expressões como homônimas. No entanto, no caso de *mundo*, não se trata de uma homonímia.. A estruturação das definições nos principais dicionários atesta isso: cada sentido, acepção ou emprego podem estar correlacionados, graças à conservação de semas genéricos ou específicos inerentes, com pelo menos outro sentido. Segue-se que a noção em si é estruturável em dois grandes campos semânticos, um ambiental, outro social. A análise componential mostra, além disso, que a polissemia da noção deixa a possibilidade de um núcleo sêmico aplicável a todos os sentidos e a todas as acepções específicas aos usos comuns. A noção de *mundo* é, portanto, multirreferencial e polissêmica, comportando-se, em alguns aspectos, como os substantivos próprios.

Este aspecto particular da polissemia de *mundo* isola, duplamente, a acepção filosófica. Por um lado, a acepção filosófica é a única que não atualiza os semas específicos aferentes que se despreendem das outras acepções e locuções verbais; é também a única acepção que, segundo o *TLFi*, não produz locuções verbais, o que é um índice conprovaador de que permanece circunscrita a um uso técnico. Por outro lado, a acepção filosófica neutraliza o paradoxo semântico da noção,

tornando-a uma classe nominal, capaz de reunir qualquer conjunto, desde que tenha um caráter totalizador e que revele um “aspecto do universo”— definição eminentemente acolhedora (qualquer que ela seja) pelo que se supõe poder ser empregado como um *conceito* filosófico.

Acontece, todavia, que os filósofos se preocupam com a maximização que eles concederam à concepção do mundo. O mundo não mereceria finalmente ter alguma singularidade? As preocupações de um Goodman, obviamente, coincidem a este respeito com as de todos os filósofos analíticos: são unicamente orientadas por constrangimentos relacionados à verdade e aos “fatos” (aqueles fatos provenientes do mundo real) que lhe servem de garantia. Essa preocupação, no entanto, é suficiente para o filósofo admitir que as formas de fazer mundos equivalem a propor versões ou visões⁵. Entre os teóricos da literatura, inicialmente entusiasmados com a ideia de uma multiplicidade de mundos que permite a inclusão de mundos imaginários, alguns também questionaram a legitimidade desse número. Alexandre Gefen, com quem concordo plenamente neste ponto, observa o seguinte:

A imensa maioria dos escritores não propõe *um outro mundo*, mas uma representação [...] *do mundo* e, assim, tentam introduzir, não no mundo real, é claro, mas em nosso universo mental – e não no de um mundo de referência textual abstrato e mantido à distância pelo jogo e os pactos de indiferença – entidades, leis, seres (GEFEN, 2010, p. 301).

Parece assim que o mundo volta, até entre os filósofos e teóricos da literatura, que haviam tornado a noção alegremente pluralista

Finalmente, gostaríamos de considerar a etimologia da palavra. Littré acrescenta o seu verbete sobre *mundo* algumas informações etimológicas:

Do latim *mundus*, propriamente o que está ordenado, bem disposto. *Mundus*, tendo ambos os sentidos de ornamento, bom arranjo e de mundo, é a tradução do gregοκόσμος, que também tem esses dois sentidos. Em κόσμος, o sentido de adornar, de organizar é o primeiro, e o do mundo é secundário, devido, segundo Plutarco, aos pitagóricos que consideravam o mundo como um arranjo. A mesma ideia determinou o uso latino de *mundus* [...] (LITTRÉ, 1874, p. 606).

Observamos, no etymon, a presença do sema específico de apreensão, segundo a dupla caracterização de uma coisa apropriada para um propósito e uma coisa que fazemos nossa. Ornamento ou *adorno* é a arte de preparar certas coisas, não apenas para lhes dar melhor aparência, mas também para torná-las mais próprias para um fim. Na Idade Média, a noção de adorno se aplicava assim aos alimentos, dos quais se retiravam as partes não comestíveis. Este sentido é encontrado no emprego adjetival, agora desaparecido, mas em uso no século XII, de *mundo*: os animais do mundo são adequados para o consumo (que pode muito bem ser visto como uma forma definitiva de apropriação). Na mesma ordem de espírito, *mundus* designa, igualmente, os produtos de higiene pessoal das mulheres e as ferramentas que estão à disposição, nas mãos. Como nos movemos de lá para o sentido de terra e de universo, se não colocando o homem em

5. “We are confined to ways of describing whatever is described. Our universe, so to speak, consists of these ways rather than a world or of worlds” (GOODMAN, 1978, p. 3).

seu centro?. A ordem ou arranjo é harmonioso na medida em que permite ao homem *se situar*, em seu ambiente, como no espaço necessário para suas necessidades elementares — alimentar-se, vestir-se, lavar-se (o étimo de *mundus* significaria “molhar, lavar”⁶)).

Os textos são arranjos de palavras que tecem elos sintáticos e semânticos entre elas. As palavras estão situadas por esses elos e, sem dúvida, exigem um esforço de projeção e imaginação por parte do leitor, de modo que a coesão resultante dessas ligações lhe dá uma impressão, até mesmo uma imagem. A ficção consiste na arte de organizar as palavras para desfazer essa impressão ao mesmo tempo em que a refaz, às vezes até de cabeça para baixo, como uma Penélope que atuaria à vista de todos. Como consequência, a noção de *mun-do* pode ser aplicada intrinsecamente, sem ter que passar pela concepção filosófica. Este seria tema de outro estudo para mostrar como.

7. Referências bibliográficas

Augé, Paul (dir.), *Larousse du xx^e siècle*, tome 4, Paris, Librairie Larousse, 1931.

Austin, John, *Sense and Sensibilia*, Oxford, Oxford University Press, 1962.

Besson, Anne, *Constellations. Des mondes fictionnels dans l’imaginaire contemporain*, Paris, CNRS Éditions, 2015.

Doležal, Lubomír. *Possible Worlds of Fiction and History: The Postmodern Stage*, Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 2010.

Gefen, Alexandre, « L’usage des mondes » in Françoise Lavocat (dir.), *La Théorie littéraire des mondes possibles*, CNRS éditions, 2010, p. 293-306.

Goodman, Nelson, *Ways of Worldmaking*, Indianapolis, Hackett, 1978.

Goodman, Nelson, *Manières de faire des mondes*, Nîmes, Jacqueline Chambon, 1992 (réédition : Folio essais, 2006).

Groupe μ , *Rhétorique générale*, Paris, Larousse, 1970.

Imbs, Paul, « Préface », *Trésor de la langue française*, tome 1, 1971, p. ix-xxvii.

Kleiber, Georges, « Noms propres : dénomination et catégorisation », *Langue française*, n° 190, 2016, p. 29-44.

Lavocat, Françoise (dir.), *La Théorie littéraire des mondes possibles*, Paris, CNRS éditions, 2010.

Lepeltier, Thomas, *Univers parallèles*, Paris, Seuil, 2010.

Liroy, Lucien, *Le secret des mondes parallèles*, Cergy, L’Échelle de Cristal, 2006.

Littre, Émile, *Dictionnaire de la langue française*, tome 3, Paris, Librairie Hachette, 1874.

Pavel, Thomas. *Fictional Worlds*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1986.

Rastier, François. *Sémantique interprétative*, Paris, PUF, 1987.

Rastier, François. *Mondes à l’envers*. Paris, Classiques Garnier, 2018.

Robert, Paul, *Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*, tome 4, Paris, Le Robert, 1974.

6. De acordo com Julius Pokorny, citado em Wiktionary, entrada *mundus* (acessado em 15 de outubro de 2021).

Ryan, Marie-Laure, *Possible Worlds, Artificial Intelligence and Narrative Theory*. Bloomington, Indiana University Press, 1991.

8. Outras fontes

Lavocat, Françoise, « L'œuvre littéraire est-elle un monde possible ? », *Fabula atelier*, 2009, https://www.fabula.org/atelier.php?L%27oeuvre_litt%26eacute%3Braire_est%2Delle_un_monde_possible%3F (consulté le 15 octobre 2021).